

Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia, Senhor Presidente da Junta, membros da Assembleia e da Junta, Forjanenses.

Para se fazer um balanço intelectualmente sério dos efeitos do 25 de Abril na sociedade e na vida dos portugueses, devemos começar por analisar a situação social e política em que vivíamos nos finais do Estado Novo.

Vivíamos num país com 28% de analfabetos, 1/3 das habitações sem eletricidade e com apenas 22 km de autoestrada.

A taxa de mortalidade infantil era a mais alta da Europa e a esperança de vida a mais baixa de toda a Europa. Em África persistia uma guerra colonial que consumia cerca de 50% do orçamento de Estado e que matou cerca de 9 mil jovens e deixou incapacitados outros 150 mil.

Não havia liberdade de expressão; a imprensa ocultava tudo o que de negativo se passava no regime; os suicídios não eram publicados e nas cheias de 1967, no Ribatejo, morreram mais de mil pessoas, sem o resto do país saber dessa tragédia.

Os livros, os jornais, os filmes, os discos, as peças de teatro...eram todos censurados, alguns proibidos, apreendidos e destruídos.

A policia política -a PIDE- perseguia, prendia, torturava e matava os opositores. Um desses muitos foi o General Humberto Delgado, cujo único crime que cometeu foi prometer um regime livre e democrático.

O mesmo regime perseguiu vários homens bons como o general Norton de Matos, o médico Abel Salazar, o general Vassalo e Silva (por não ter resistido na Índia até à morte com os seus militares) e colocou na miséria o diplomata Aristides Sousa Mendes (por também ter cometido o crime de salvar milhares de judeus do Holocausto).

As mulheres não votavam; estavam impedidas de ser magistradas e para sair do país tinham que obter autorização do marido. E as professoras e as enfermeiras para casar tinham que pedir autorização ao respetivo ministro.

Os trabalhadores não tinham reforma, nem subsídio de férias ou de Natal, nem licença de maternidade, nem havia ordenado mínimo estabelecido.

Não havia liberdade de reunião, exceto para ir à missa e ao futebol e era proibido andar descalço na rua, para ocultar a pobreza.

Os casais não se podiam beijar na rua (multa de 57 escudos e rapadela de cabelo); as raparigas do liceu não podiam usar calças, nem ter os joelhos e os braços à mostra.

A Coca Cola era proibida e para ter isqueiro era preciso ter uma licença...

Só colocando a questão desta forma, poderemos nos lembrar do quanto já foi feito para mudar aquele pobre Portugal 24 de Abril de 1974.

Logo após a revolução, o programa do MFA assentava em três pontos, em três “Dês”: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver!

Creemos que só este último ficou inteiramente por cumprir! Sobretudo o desenvolvimento social e cultural, ao nível das mentalidades retrógradas que ainda por aí .

Porque a nível local e do poder autárquico esse desenvolvimento é visível e não deixa dúvidas a ninguém. Quem conheceu Forjães há 50 anos e quem olha agora a nossa vila reconhece com facilidade essa diferença.

Neste particular, devemos lembrar e agradecer a todos e a todas as forjanenses que deram o seu contributo para a causa do progresso da nossa terra. Especialmente, os autarcas que, como nós, hoje, nesta assembleia, pensamos, discutimos e propomos medidas para tornar melhores as condições de vida dos nossos conterrâneos.

É com esse espírito democrático, de respeito, de diálogo, de urbanidade e de elevação que deveremos continuar a honrar e a cumprir esse compromisso que assumimos com as gentes de Forjães. Porque já muito foi feito, mas falta fazer ainda muito mais!

Viva o 25 de Abril. Viva a democracia! Viva o poder local! Viva Forjães!

Forjães, 22 de abril de 2024

Lista Independente de Forjães